

1

Nerd do gueto no fim do mundo 1974-1987

A IDADE DO OURO

Nosso herói não era um daqueles caras dominicanos que vivia na boca do povo — não se tratava de um rebatedor venerado, nem de um bachatero badalado, tampouco de um playboy cheio de mulheres aos pés.

Salvo um curto período no início da vida, o cara sempre se deu mal com as gatas (um lado seu *nem um pouco* dominicano).

Ele tinha 7 anos, na época.

Naqueles anos abençoados da infância, Oscar era, de certo modo, um casanova. Um daqueles moleques assanhados da escola, que tentava beijar as meninas a toda hora e sempre se aproximava delas por trás, nos merengues, movendo a pélvis; o primeiro nego a aprender o perrito e a dançá-lo na primeira oportunidade. Como naquele tempo (ainda) era um garoto dominicano “normal”, criado numa família dominicana “tradicional”, a tendência a cafetão que despontava foi estimulada

tanto pelos amigos quanto pela parentada. Durante as festinhas — e havia muitas delas nos idos anos 1970, muito antes de Washington Heights ser Washington Heights, bairro do crime, muito antes de só se ouvir espanhol nos quase 100 quarteirões da Bergenline — algum parente embriagado sempre empurrava Oscar na direção de uma garotinha e, então, os beberões faziam a maior algazarra ao ver os dois imitarem quase com perfeição o rebolado dos adultos.

Vocês precisavam ter visto, balbuciou sua mãe em seus últimos dias. Parecia uma versão miniatura do nosso Porfirio Rubirosa!⁴

Todos os outros garotos da idade dele fugiam das garotas como se elas estivessem infectadas com a supergripe “Capitão Viajante”. Mas não o Oscar. O danadinho, louco pelas meninas, tinha “namoradas” de sobra. (Era um moleque robusto, com evidente tendência à obesidade, tratado com zelo pela mãe, que sempre o mantinha ajeitadinho, de roupa arrumada

⁴Nos anos 1940 e 1950, Porfirio Rubirosa — ou Rubi, como era chamado na mídia — tornou-se o terceiro dominicano mais famoso no mundo (O primeiro era o Ladrão de Gado Frustrado, seguido de María Montez, a Mulher Cobra em pessoa). Sujeito bonitão, alto e encantador, cujo “falo enorme causou sensação na Europa e na América do Norte”, Rubirosa era o típico playboy do jet set, obcecado por pólo e automobilismo, “o lado feliz” do Trujillato (já que se tratava, de fato, de uma das celebridades favoritas de Trujillo). Um ex-modelo de meio-expediente e *bon-vivant*, Rubirosa casou-se, de forma memorável, com a filha do ditador, Flor de Oro, em 1932, e, embora tenham se separado cinco anos depois, no Ano do Genocídio Haitiano, o cara continuou a desfrutar da boa vontade de El Jefe no decorrer do longo regime. Ao contrário do seu ex-cunhado Ramfis (com quem sempre era visto), Rubirosa parecia incapaz de cometer homicídios, mas, em 1935, foi a Nova York a mando de El Jefe com a missão de assassinar o líder exilado Angel Morales, mas fugiu sem cumprir a obrigação. Rubi foi o primeiro jogador dominicano; transou com todo o tipo de mulher: Barbara Hutton, Doris Duke (que, por um acaso, era a mulher mais rica do mundo), a atriz francesa Danielle Darrieux e Zsa Zsa Gabor, só para citar algumas. Como seu colega Ramfis, Rubirosa morreu em um desastre de automóvel, em 1965, quando a Ferrari de 12 cilindradas derrapou e saiu da estrada, em Bois de Boulogne. (Impossível deixar de notar a importância dos carros nessa narrativa.)

e cabelo cortado. E, antes de a cabeça do garoto crescer de modo exagerado, os olhos eram chamativos e brilhantes; as bochechas lembravam bumbum de bebê, visíveis em todas as fotos.) As mulheres em geral — as colegas de sua irmã Lola, as amigas da mãe e até mesmo a vizinha de 30 e poucos anos, a funcionária do correio Mari Colón, com seu batom vermelho e requebrado escandaloso — admitiam sem pudor sua paixão por ele. Esse muchacho está bueno! (Que mal havia em ele ser ansioso e ter déficit de atenção? Nenhum!) Na RD, durante as visitas de férias à família em Baní, Oscar ficava ainda mais impossível; postava-se diante da casa de Nena Inca e mexia com as transeuntes: Tú eres guapa! Tú eres guapa!, até que um dia uma adventista se queixou com a avó dele, que deu fim à farra na mesma hora. Muchacho del diablo! Isto aqui não é cabaré não!

Foi mesmo uma Idade de Ouro para Oscar, uma época que atingiu o apogeu no outono do seu sétimo ano na Terra, quando o menino tinha duas namoradas ao mesmo tempo, seu primeiro e único *ménage à trois*: Maritza Chacón e Olga Polanco.

Maritza era amiga de Lola. Sempre bela, com os cabelos longos impecáveis, poderia ter feito o papel da Dejah Thoris criança. Já Olga não era amiga de ninguém da família. Morava numa casa no final do bairro, na área da qual a mãe de Oscar sempre se queixava por estar cheia de porto-riquenhos que sempre ficavam tomando cerveja na varanda. (¡Dios mío!, por que não fazem isso lá em Cuamo?, perguntava ela, aborrecida) Olga devia ter uns 90 primos e, pelo visto, todos se chamavam Hector ou Luis ou Wanda. Como sua mãe era uma maldita borracha (palavras da mãe de Oscar), às vezes a moça fedia que dava dó, o que levou a garotada a apelidá-la de Srta. Peabody, uma alusão ao cão inteligente de *História improvável*.

Srta. Peabody ou não, Oscar gostava do seu jeitinho tímido, da forma como ela brincava de luta com ele no chão e o interesse que ela demonstrava em suas figuras de ação de *Jornada nas estrelas*. Já Maritza era a maior gata, no caso dela não havia necessidade de incentivo, ela sempre estava por perto. Oscar teve a brilhante idéia de dar em cima das duas ao mesmo tempo. No início, fingiu que quem queria ficar com elas era o Capitão Marvel, o herói mais incrível. Mas, depois que as duas concordaram, ele foi claro: o interessado era ele mesmo, não o Capitão.

Como naquela época tudo era mais inocente, sua relação se limitava a uma maior aproximação no ponto de ônibus, mãos dadas às escondidas, às vezes, e dois beijinhos no rosto, com seriedade, primeiro em Maritza, depois em Olga, escondidos do tráfego atrás de um arbusto. (Olhem só o machito, diziam as amigas da mãe dele. Que hombre!)

O trio só durou uma única e inesquecível semana. Um dia, Maritza encurralou Oscar atrás do balanço e decretou: ou ela ou *eu*! O garoto segurou a mão dela e conversou longamente com ela, deixando claro que a amava e a lembrando que tinham concordado em *compartir*; só que a garota nem deu bola. Maritza tinha três irmãs mais velhas, sabia tudo de que precisava sobre as possibilidades de *compartilhar*. Nem fala mais comigo, só aparece quando se livrar dela! A menina da pele de tom chocolate e dos olhos miúdos já manifestava o poder de Ogum, que usaria pelo resto da vida para fazer picadinho de quem cruzasse em seu caminho. Cabisbaixo, Oscar voltou para casa e os desenhos animados anteriores à era-das-fábricas-escravizantes-coreanas — *Os Herculóides* e *Space Ghost*. O que é que houve com você?, perguntou a mãe. Ela se preparava para ir ao segundo emprego, o eczema das mãos lembrando restos

de comida velha grudada. Quando Oscar respondeu, queixoso, Meninas, a Mãe de León quase teve um piripaque. Tú ta llorando por una muchacha? Agarrou as orelhas do menino até ele ficar de pé.

Mami, para!, gritou a irmã, para!

A mãe jogou o menino no chão. Dale un galletazo, disse ela, sem fôlego, aí vê se la putita não vai te respeitar!

Fosse ele outro nego, talvez tivesse pensado no galletazo. Mas Oscar não contava com nenhuma figura paterna que o pusesse a par das artimanhas masculinas, não tinha a menor tendência agressiva nem marcial. (Ao contrário da irmã, que brigava com garotos e morenas de gangues que odiavam seu nariz fino e cabelo meio liso.) Daí, a nota de Oscar no quesito combate era zero; até mesmo Olga poderia encher o moleque de porrada com seus bracinhos mirrados. Agressão e intimidação estavam fora de cogitação. Então ele ponderou sobre o assunto e não precisou de muito tempo para tomar uma decisão. Afinal de contas, Maritza era linda, Olga, não; a feinha às vezes cheirava a xixi, a bonitinha, não; Maritza podia ir até sua casa, Olga, não. (Uma porto-riquenha aqui?, perguntava a mãe, com sarcasmo. Jamás!) O raciocínio limitado do garoto remetia à lógica rudimentar dos insetos. Oscar terminou com Olga no dia seguinte, no recreio, com Maritza do lado; e como a garota chorou! Tremeu feito vara verde com as roupas de segunda mão, os sapatos bem maiores que os pés, o nariz escorrendo e tudo o mais!

Anos depois, quando Oscar e Olga viraram esquisitões obesos, ele não conseguia evitar a pontada de culpa que sentia às vezes, quando a via andando rápido do outro lado da rua ou contemplando o mundo com olhar vago, no ponto de ônibus de Nova York; não conseguia deixar de pensar no quanto a forma tremendamente fria com que terminara o namoro tinha

contribuído para o atual estado ferrado da moça. (No dia em que acabou com a relação, lembrou ele, não sentiu nada, nem se tocou quando ela chorou. Chegou a dizer: Para de chorar feito um bebê.)

No entanto, o que doeu *de verdade*, foi o fora que *ele* levou de Maritza. Na segunda-feira, quando já tinha dispensado Olga, chegou ao ponto de ônibus com sua adorada lancheira do *Planeta dos macacos* e se deparou com a bela Maritza de mãos dadas com Nelson Pardo, o tapado. Nelson Pardo, que lembrava Chaka, de *O elo perdido*. Nelson Pardo, o cara tão idiota que achava que a lua era uma mancha que Deus tinha esquecido de limpar. (Ele se encarregaria disso logo; foi o que assegurou para toda a turma.) Nelson Pardo, que se tornaria o maior larápio do bairro antes de entrar na Marinha e perder oito dedos do pé na Primeira Guerra do Golfo. No início, Oscar achou que tinha visto mal; o sol batia nos seus olhos e ele não dormira bem à noite. Manteve-se ao lado dos dois e admirou sua lancheira; como o Dr. Zaius parecia autêntico e maligno! Mas Maritza não *sorriu* para ele; aliás, agiu como se nem existisse. A gente vai se casar, disse ela para Nelson, que sorriu feito um trouxa, virando o rosto na direção da rua para ver se o ônibus vinha. Oscar estava arrasado demais para falar. Sentou-se na beira da calçada, sentindo uma dor devastadora no peito que o apavorou. Sem mais nem menos, caiu no berreiro. Quando Lola, sua irmã, caminhou até onde ele estava e perguntou o que estava acontecendo, o garoto balançou a cabeça. Olha só o *mariconcito*, comentou alguém, soltando um risinho abafado. Alguém também chutou sua adorada lancheira, arranhando o rosto do general Urko. Assim que Oscar entrou no ônibus, ainda chorando, o motorista, um notório ex-usuário de PCP, disse, PARA de chorar feito um bebê, porra!